

**A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
UMA REFLEXÃO A PARTIR DOS DOCUMENTOS OFICIAIS  
RCNEI - DCNEI – BNCC<sup>1</sup>**

**ART IN THE CONTEXT OF EARLY CHILDHOOD EDUCATION: REFLECTIONS  
DEPARTING FROM THE BRAZILIAN OFFICIAL DOCUMENTS**

**Solange de Fátima Gabre**

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Professora formadora no Departamento de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba  
E-mail: sogabre@gmail.com

**RESUMO**

O presente texto busca refletir sobre a arte no contexto da educação infantil, presente nos documentos nacionais oficiais: Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2009) e Base Nacional Curricular Comum (BNCC, 2016, segunda versão). A opção foi a de evidenciar os avanços no que diz respeito ao ensino e aprendizagem da arte para e com a pequena infância, considerando o conceito de criança na contemporaneidade, em diálogo com autores que referenciam esses campos.

**Palavras-chave:** Arte. Infância. RCNEI. DCNEI. BNCC.

**ABSTRACT**

This text aims to reflect on the art in the context of early childhood education, present in the official national documents: Referential National Curriculum for Early Childhood Education (RCNEI, 1998), National Curriculum Guidelines for Early Childhood Education (DCNEI, 2009) and National Base Common Curriculum (BNCC, 2016, second version). The option was to highlight the progress with regard to teaching and learning for art and early childhood, considering the child's concept in contemporary society, in dialogue with authors that reference these fields.

**Keywords:** Art. Childhood. RCNEI. DCNEI. BNCC.

## **1 PARA INICIAR A REFLEXÃO...**

Falar da arte no contexto da educação da infância, em território brasileiro, é trilhar por um caminho de lentas conquistas, uma vez que a própria compreensão da educação infantil como primeira etapa da educação básica, rompendo com a visão assistencialista de atendimento a essa faixa etária, é bastante recente na história do país.

A partir do momento em que a educação infantil passa a ser considerada nos documentos oficiais que norteiam o ensino no Brasil, em especial: o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 1999/2009) e a Base Nacional Curricular Comum (BNCC, 2016<sup>2</sup>), se instaura no âmbito educativo a responsabilidade de garantir o direito às crianças uma educação que promova o desenvolvimento de suas diferentes linguagens e potencialidades.

Neste sentido, a importância da arte no contexto infantil é evidenciada nesses documentos e, sendo este o foco de interesse deste texto, busca-se refletir sobre a concepção de ensino da arte para o contexto da educação infantil, clarificando seus avanços, considerando o conceito de criança que se busca na contemporaneidade, em diálogo com autores que referenciam esses campos.

## **2 RCNEI- A ARTE COMO ÁREA DE CONHECIMENTO**

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, documento elaborado na década de 1990, buscou atender ao que propôs a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) ao estabelecer a educação infantil como primeira etapa da educação básica. O mesmo propôs a superação do foco assistencialista dessa etapa da educação e, ainda, a visão de antecipação para etapas posteriores de ensino. Neste sentido, o Referencial indicou uma reflexão aos profissionais da infância ao esclarecer sobre os objetivos, os conteúdos e as orientações didáticas para o trabalho com crianças pequenas.

O RCNEI foi organizado em três documentos, a saber: volume 1 - Introdução; volume 2 - Formação Pessoal e Social e volume 3 - Conhecimento de Mundo. É importante ressaltar que no volume introdutório do documento, é apresentada a concepção de educação infantil baseada no conceito de criança como um sujeito social e histórico devendo ser considerada e respeitada nas suas singularidades. Outro aspecto diz respeito ao educar e cuidar como indissociáveis, e, ainda o brincar como fundamental na organização do trabalho nessa etapa de educação.

Além desses aspectos, é enfatizado o importante papel da formação profissional para atuação com a criança pequena, considerando um perfil específico.

### RCNEI – Referencial Curricular para a Educação Infantil



No Volume 2 – Formação Pessoal e Social, a reflexão que se faz é sobre a necessidade de se efetivar um trabalho que favoreça a construção de identidade e autonomia das crianças pequenas nas diferentes situações do cotidiano educativo.

O Conhecimento de Mundo é apresentado no volume 3 e orienta para o trabalho que envolve a relação das crianças com os conhecimentos do mundo. Sinaliza alguns aspectos que envolvem os saberes nas áreas: Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática.

Sendo o foco de interesse desse texto a reflexão sobre a arte no contexto da educação infantil, nota-se que o documento faz referência aos saberes da música e das artes visuais, no entanto, entendermos que a arte contempla uma ampla gama de saberes e linguagens que devem ser contemplados no âmbito educativo da infância.

A arte no contexto da infância apresentada no RCNEI (1998, p. 89) está baseada no entendimento da “arte como uma linguagem que tem estrutura e características próprias” e a aprendizagem das crianças se dá por meio da articulação de três eixos<sup>3</sup>: o fazer artístico, a apreciação e a reflexão.

O fazer artístico está diretamente relacionado a exploração e a experimentação que as crianças realizam em diferentes práticas e no contato com diversos materiais que lhes forem possibilitadas, resultando em produções de trabalhos de arte.

A apreciação se refere a leitura de imagem, ou seja, à produção de sentido que as crianças desenvolvem no contato direto com a obra de arte e com suas próprias produções.

A reflexão se dá em todos os momentos por meio dos questionamentos que as crianças realizam no contato com a arte produzida pelos artistas ou por elas próprias mediados pelo professor.

Outro destaque no documento é para o desenho, considerado como uma importante linguagem a ser contemplada para o desenvolvimento das demais linguagens visuais (pintura, modelagem, construção tridimensional e colagem). O desenvolvimento gráfico infantil é brevemente explanado tendo como apoio teórico os estudos de Lowenfeld (1977), Luquet (1969) e Kellog (1979).

Apesar de o RCNEI Vol. 3 (1998, p. 91) versar sobre o conhecimento de mundo e, enfatizar que “o trabalho com as artes visuais na educação infantil requer uma profunda atenção no que se refere ao respeito das peculiaridades e esquemas de conhecimentos próprios à cada faixa etária e nível de desenvolvimento” das crianças, as orientações baseadas em conteúdos por faixa etária, a partir dos eixos produção e apreciação e o tempo didático para o desenvolvimento das propostas organizados em sequencias de atividades, atividades permanentes e projetos, houve um direcionamento para uma prática artística bastante escolarizada e na maioria das vezes tendo como foco o produto final baseado nos fazeres dos adultos em detrimento dos processos de aprendizagens e valorização dos saberes e fazeres das crianças.

Consideramos que o RCNEI foi um importante documento para a época em que foi produzido e trouxe para o campo da arte na infância, significativas conquistas, como por exemplo, a presença da obra de arte na escola infantil, mesmo que em reproduções. No entanto, iniciou-se desde então, o desenvolvimento de inúmeras propostas baseadas principalmente no trabalho de pintores europeus que marcaram a história da arte no mundo e, muitas delas, desconsiderando a concepção de criança que o documento propôs. E mesmo que o desenho da criança e a valorização do percurso gráfico tenham sido evidenciados, os estereótipos permaneceram com grande força no universo da escola da infância.

Desses breves apontamentos, é possível constatar que mesmo depois de quase vinte anos da produção do RCNEI, a arte na educação infantil apresenta ainda hoje, em muitos contextos, uma visão reducionista de ensino e aprendizagem, observado em propostas que desconsidera a criança como competente e capaz e desvaloriza seus percursos singulares. De acordo de Barbosa e Richter (2015, p.189),

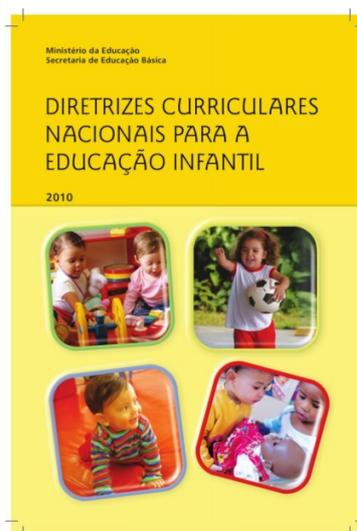
A permanência do discurso dos RECNEI deve-se ao fato de apresentarem um conceito de escola, de ensino, de conteúdo, de ação docente, muito próximo à compreensão tácita de escola convencional, ou seja, uma compreensão impregnada pelas vivências escolares dos docentes, gestores e famílias.

Desse modo, compreendemos que apesar de o RCNEI abordar importantes questões para se pensar a arte no contexto da infância, as orientações que propôs na década de 1990, já não dão conta dos avanços que a contemporaneidade comina.

### 3 DCNEI - O PRINCÍPIO ESTÉTICO NO CONTEXTO EDUCATIVO DA INFÂNCIA

No mesmo momento histórico em que o RCNEI foi produzido, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil foram instituídas pelo Conselho Nacional de Educação<sup>4</sup>, articuladas as Diretrizes Curriculares da Educação Básica, tendo como objetivo “orientar as políticas na área e a elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares” (BRASIL, 2010, p.11).

Essas Diretrizes passaram por revisão no ano de 20095 ganhando destaque na publicação de 2010, para sua ampla disseminação.



O conceito de criança enfatizado nas DCNEI reforça e amplia o já apresentado nos RCNEI quando a define como

sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12)

Desse entendimento, as DCNEI definem o currículo da educação infantil como um conjunto de práticas que buscam promover o desenvolvimento integral da criança pequena, ao articular os conhecimentos das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico. Os eixos que norteiam o currículo são as interações e as brincadeiras e, desse modo, as práticas pedagógicas devem considerar os princípios éticos, estéticos e políticos.

Quanto ao princípio estético, é importante destacar sua natural relação com a arte, uma vez que trata “da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais” (BRASIL, 2010, p. 16).

O documento enfatiza o direito das crianças de vivenciarem diferentes experiências no contexto educativo, dentre elas, as que “promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações da música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura.” (BRASIL, 2010, p.26). No entanto, o olhar para as ações dentro do contexto educativo devem partir das experiências e desejos das crianças e suas singularidades. Neste sentido, concordamos com Kohan quando afirma que é necessário

Pensar na infância desde outra marca ou, melhor, a partir do que ela tem e não do que lhe falta: como presença e não como ausência; como afirmação e não como negação; como força e não como incapacidade. Essa mudança de percepção vai gerar outras mudanças nos espaços outorgados à infância no pensamento e nas instituições pensadas para acolhê-la. (KOHAN, 2007, p.4)

Cabe assim ressaltar que para garantir diferentes experiências artísticas às crianças pequenas, se parte do entendimento de que as ações no contexto educativo infantil devem considerar tempos, espaços, materiais e um adulto disponível para que elas aconteçam e ainda, entender a experiência como Larrosa nos provoca a pensar

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2016, p.25)

Desse ponto de vista, compreende-se a necessidade de desautomatizar e desmecanizar as práticas e a relação que se estabelece com as crianças no contexto das escolas da infância e, cabe ainda, destacar que ao tratar da experiência com as artes é imprescindível ampliar o seu entendimento para além das práticas artísticas tradicionais e como afirma Holm (2015, p. 108) “não é mais possível sustentar que todas às vezes as atividades artísticas com as crianças terminem em uma obra física, que em seguida deve ser exposta”.

Destas reflexões, destacamos a significativa contribuição que as DCNEI aportam ao ampliar o conceito de criança, de currículo e de práticas pedagógicas enfatizando a garantia dos direitos das crianças às diferentes experiências educativas a partir dos seus saberes, relacionando-os com os saberes do mundo. Contudo, mesmo tendo esses subsídios como basilares para o contexto educativo da infância, é comum a presença de propostas e práticas pedagógicas escolarizadas, baseadas em manualidades (ACASO, 2009) ou somente na arte do passado (EFLAND; FREEDMAN; STUHR, 2003) e que partem dos interesses e da ação dos adultos.

#### 4 BNCC – A ARTE COMO EXPERIÊNCIA

A BNCC, mesmo que em versão preliminar, é fruto de um amplo debate em território nacional visando promover a qualidade da educação brasileira, uma vez que “apresenta os direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento e devem orientar a elaboração de currículos para as diferentes etapas da escolarização” (BRASIL, 2016, p. 25).



De caráter normativo, a BNCC não desconsidera os documentos anteriores refletidos, ao contrário, avança nas discussões e entendimento das orientações para que as crianças tenham o direito à educação de qualidade garantida.

Desse modo, a organização curricular que a BNCC propõe para o âmbito da educação infantil esta pautada em cinco aspectos a serem considerados: Princípios da Educação Infantil; Cuidar e Educar; Interações e Brincadeiras; Seleção de práticas, saberes e conhecimentos; Centralidade nas Crianças.

Os princípios da educação infantil são considerados desde as DCNEI e são eles: ético, estético e o político. A relação que se estabelece entre o cuidar e o educar como indissociáveis são evidenciados desde que a educação infantil passou a ser considerada a primeira etapa da educação básica. O destaque para as interações e brincadeiras como eixos estruturantes das práticas pedagógicas no contexto da infância, considerado também nas DCNEI, valida o conceito de criança que se busca nos dias atuais. Quanto a seleção de práticas, saberes e conhecimentos advindos das práticas sociais, buscam evidenciar que as práticas pedagógicas com as crianças, devem acontecer a partir das situações da vida real e não de uma situação preparatória para uma vida futura. E por último o aspecto que considera a centralidade das crianças, busca garantir que as culturas infantis sejam contempladas nas ações cotidianas.

Definidos esses cinco aspectos, os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento partem de cinco direitos, a saber: conviver, brincar, participar, explorar, expressar, conhecer-se. Esses objetivos se organizam a partir da subdivisão adotada no documento seguindo por faixas etárias assim definidas: bebês (0 a 18 meses), crianças bem pequena (19 meses a 3 anos e 11 meses) e crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses).

Além desses aspectos um avanço no que confere a disposição curricular e difere dos documentos anteriores (RCNEI e DCNEI) é que passa ser organizado não mais por áreas de conhecimentos e sim por campos de experiências.

Os campos de experiências constituem um arranjo curricular adequado a educação da criança de 0 a cinco anos e 11 meses, quando certas experiências, por elas vivenciadas, promovem a apropriação de conhecimentos relevantes. (...) os campos de experiências acolhem as situações e experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do nosso patrimônio cultural. (BRASIL, 2016, p. 64).

Dessa perspectiva, a BNCC apresenta cinco campos de experiências a serem considerados: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e imagens; Escuta, fala, linguagem e pensamento; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

O desafio que esse novo arranjo curricular propõe é que a experiência das crianças possa ser o ponto de partida para a organização do currículo e caminhe na direção ao que as escolas propõem em seus programas. É válido considerar que essa abordagem,

[ ] não anula os conhecimentos historicamente acumulados, materializados nos programas e nos conteúdos previstos pelas escolas, pois a experiência dos meninos e das meninas incorpora fatos e conhecimentos, além de atitudes, motivos e interesses que levam a aprendizagem. São as brincadeiras, as ações, as interações e a participação nas práticas sociais que levam as crianças a ter curiosidade sobre temas, práticas, ideias a serem pesquisadas e a constituírem e a constituir seus saberes sobre o mundo. (BRASIL, 2016, p. 60)

Tomando como base esse novo apontamento, o compromisso do adulto em direção as crianças está em exercitar o olhar, a escuta e o acolhimento daquilo que interessa as elas.

Voltando ao foco central da reflexão e a proposição da BNCC, a arte passa a ser considerada e articulada aos campos de experiências e de modo mais específico, ao se tratar das artes visuais, encontra lugar no campo Traços, Sons, Cores, Formas e Cores, uma vez que o mesmo trata das experiências com as linguagens artísticas.

Pensar a arte nessa nova configuração curricular nos abre a possibilidade de romper com o paradigma de uma educação baseada práticas tradicionais e permite a experiência de uma educação baseada na arte do presente, ou seja, a arte contemporânea, pois concordamos com Barbieri que

O ensino deve estar conectado ao seu tempo. Se pensarmos na produção de arte contemporânea, os mais variados aspectos da vida ressoam nas poéticas dos artistas (...) tudo é assunto para a arte. A arte, como todas as outras áreas, permeia o dia a dia da criança. (BARBIERI, 2012, p. 25)

Assim como sinaliza Barbieri, outros autores como Anna Marie Holm e Javier Abad Molina, nos ajudam a validar esse posicionamento de que a arte contemporânea pode contribuir para que a experiência das crianças da educação infantil seja mais prazerosa e significativa e seus direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se em situações e práticas que envolvam a arte, sejam garantidos conforme orienta a BNCC.

O fato de muitas produções da arte contemporânea convidar o público a interagir e participar já demonstra que ela é interessante para as crianças, é o que afirma Holm (2015, p. 108) e nesse mesmo olhar Abad e Velasco esclarecem

Através das práticas artísticas contemporâneas se argumenta sobre a necessidade de criar ações baseadas na ação corporal e nas transformações do espaço e dos objetos que fazem as crianças em suas vivências. (...) As formas de expressão da arte contemporânea situam a infância em contextos significativos onde se dá transcendência aos acontecimentos e descobertas que realizam, como uma forma de visualização do projeto de aprendizagem e são o cenário idôneo para reconhecer suas capacidades de transformação obtendo prazer estético pelo todo. O educador deve construir vias de acesso para a experiência estética infantil como um feito de vida e cultura. (ABAD e VELASCO, 2009, p. 155).

Esses fundamentos evidenciam que as práticas artísticas na escola da infância necessitam romper com modelos baseados na arte no passado e em práticas cristalizadas e se ressignificar, criando assim novos sentidos e novas relações. Esses novos sentidos podem encontrar nas orientações da BNCC um alento. Contudo, a que se problematizar e ampliar a visão que os objetivos de aprendizagem apresentam, principalmente no campo Traços, Sons, Cores, Formas e Cores onde por vezes nos remetem a situações de aprendizagem que se pretende superar.

## **5 PARA SEGUIR REFLETINDO...**

A partir da breve reflexão que se pretendeu nesse texto, a partir dos documentos DCNEI (1998), DCNEI (1999, 2009) e BNCC (2016), consideramos que as conquistas no campo da arte para/com a criança em contexto da educação infantil, estão em processo de construção, conectadas a cada época, as pesquisas que se realizam, ao desenvolvimento de políticas públicas e aos avanços que a contemporaneidade permite. Salientamos ainda que os conhecimentos são sempre provisórios e se modificam conforme as questões sinalizadas.

Neste sentido, compreende-se que as orientações indicadas no RCNEI foram bastante importantes para a época a qual foram pensadas, no entanto, hoje, ao olhar para elas, evidencia-se um foco educativo baseado em práticas escolarizadas, centrado em conteúdos a partir das áreas do conhecimento e no fazer e interesse do adulto. A arte ganhou espaço com a prática da apreciação através das leituras de imagens da reprodução de obras de artistas reconhecidos e o fazer artístico se desenvolveu em práticas baseadas na arte tradicional, principalmente no desenho e na pintura.

Quanto as DCNEI, mesmo tendo sido lançada na mesma época que os RCNEI, ao considerar nas práticas pedagógicas o princípio estético e o relacionamento e interação das crianças com diversificadas manifestações das artes plásticas, iniciam outro entendimento de arte no contexto educativo da infância e a possibilidade de experiências mais significativas considerando os saberes e interesses das crianças como ponto de partida.

As orientações presentes na BNCC, mesmo que em documento preliminar, apontam para um avanço significativo para a educação infantil principalmente quando propõe que o currículo seja pensado a partir dos saberes e experiências das crianças, o que possibilita um novo olhar para tanto para as crianças e seus fazeres, quanto para os professores e suas ações e intencionalidades, bem como para as áreas do conhecimento.

O que se espera é que essas reflexões ganhem força, saiam do papel e ganhem forma nos diferentes contextos educativos e, assim, caminhemos rumo a uma educação das infâncias que seja de fato um lugar de aprendizagem de vida!

## NOTAS

- <sup>1</sup> Texto referente à palestra proferida no 4º Encontro Regional Sul do Arte na Escola: “Perspectivas do Ensino da Arte a partir da BNCC: reflexões sobre os saberes e práticas na sala de aula”. Polo FURB, Blumenau - Santa Catarina, 17 a 19 de agosto de 2016.
- <sup>2</sup> O documento referência dessa reflexão é a BNCC Proposta Preliminar - Segunda versão. Abril de 2016.
- <sup>3</sup> O trabalho a partir desses eixos esta baseado na Proposta Triangular para o ensino da arte no Brasil, elaborada por Ana Mae Barbosa na década de 1980.
- <sup>4</sup> Parecer CEB/CNE 22/98. Resolução CNE/CEB 1999.
- <sup>5</sup> Resolução nº 5/2009.

## REFERÊNCIAS

- ABAD, Javier M.; VELASCO. Ángeles R. G. **El Juego Simbólico**. Barcelona: Graó, 2011.
- ACASO, María. **La educación artística no son manualidades**. Madrid: Catarata, 2009.

BARBIERI, Stela. **Interações**: onde está a arte na infância? São Paulo: Blucher, 2012.

BARBOSA, Maria Carmen; RICHTER, Sandra R. S. Campos de Experiência: uma possibilidade para interrogar o currículo. In: FINCO, D.; BARBOSA, M. C.; FARIA, A. L. G. (orgs.). **Campos de experiências na escola da infância**: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2015.

BRASIL. **Referencial Curricular para a Educação Infantil** – v.l. 3 – Conhecimento de Mundo. Brasília: Ministério da Educação e Cultura / Secretaria de Ensino Fundamental, 1998.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

EFLAND, Arthur D.; FREEDMAN, Kerry.; STUR, Patricia. **La Educación en el Arte Posmoderno**. Buenos Aires: Paidós, 2003.

HOLM, Anna Marie. **Eco - Arte com Crianças**. São Paulo: Unic, 2015.

KOHAN, Walter Omar. Infância e Filosofia. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina S. (Org.). **Estudos da Infância**: Educação e Práticas Sociais. Petrópolis: Vozes. 2ª Edição, 2009.

LARROSA, Jorge. Notas sobre experiência e o saber da experiência. In: **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autentica, 2016.